

Apresentação

Na cidade do meu andar

Ana Luiza Carvalho da Rocha
Cornelia Eckert

Imagine-se o leitor ou a leitora caminhando pelas ruas de Porto Alegre. Que lugares definem como de pertença? Que trajetos vibram ainda hoje em vossas memórias? Que percursos ritmam os vossos cotidianos? Que circuitos orientam vossas sociabilidades? Que flâneries vos constrói como errantes felizes? Que territórios são evitados e guardam vossos traumas? Instigamos vocês aos jogos da memória que têm como arcabouço cultural as práticas sociais e as experiências geracionais. Gaston Bachelard considera nesse ínterim, a imaginação criadora, “não somente restrita ao vício de ocularidade”, mas de nossa corporalidade no mundo (Pessanha, 1988). Inspiradas no novo espírito científico bachelardiano (Bachelard, 1987), este livro apresenta o produto de pesquisas etnográficas sobre o cotidiano na cidade-contexto de Porto Alegre.

Porto Alegre é o lugar de nossas contemplações guiadas por um saber-fazer científico que conjuga duas linhas e linhagens de pesquisa, o da antropologia urbana e o da antropologia visual. São muitos anos dedicados ao estudo da memória coletiva do viver na cidade de Porto Alegre, e, longe de nos identificarmos com um dos versos do poeta, “sinto uma dor infinita, das ruas de Porto Alegre, onde jamais passarei” (Mário Quintana, O mapa da cidade), promovemos sobremaneira outro trecho do poema, o da “cidade do meu andar”.

A metodologia que está na base de criação da narrativa visual que apresentamos denominamos de etnografia de rua (Eckert, Rocha, 2014), o que implica deslocar-se no contexto urbano com equipamento audiovisual para fotografar, filmar e gravar, orientadas por roteiros temáticos de pesquisa científica. Mas, para divulgarmos esse processo, precisamos relatar com mais vagar os procedimentos de formação na pesquisa antropológica no âmbito do projeto criado por nós em 1997.

Nossa morada de trabalho acadêmico é o Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na cidade de Porto Alegre (RS, Brasil), onde somos professoras e pesquisadoras. Com esta pertença institucional, passamos a elaborar um projeto de pesquisa integrado a fim de responder a editais de financiamento como para o Conselho Nacional de Desenvolvimento Tecnológico (CNPq) e para a Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul (FAPERGS). Propomos um projeto denominado Banco de Imagens e Efeitos Visuais e, no âmbito deste, formamos, há 26 anos, estudantes de graduação e pós-graduação para o conhecimento antropológico na interface dos estudos urbanos e estudos de produção multimídia. O foco maior está direcionado para o estudo da memória coletiva e do patrimônio da cultura urbana porto-alegrense, com produção de coleções de imagens em formato multimídia. Esse objetivo é, então, desenvolvido com base no ensino do método etnográfico e do campo conceitual antropológico.

Com o advento das tecnologias digitais e eletrônicas, empenhamo-nos em integrar o desenvolvimento de pesquisas de campo etnográfico nos bairros, ruas, casas e instituições em que imagens visuais, sonoras e escritas são produzidas com a formação no tratamento multimídia e hipermídia de coleções etnográficas com imagens. Guiadas por conceitos do campo da antropologia das sociedades complexas e das teorias da memória coletiva (identidade narrativa, imaginário e imaginação, consolidação temporal, duração), as temáticas estudadas foram sistematicamente sendo alinhavadas, sustentando os roteiros de investigação em torno do eixo

temático central como meio ambiente, trabalho, cotidiano, formas de sociabilidades, itinerários, estética urbana, transformações e gentrificação, crise, consumo, família, gênero, saúde, educação, política etc.

A pesquisa etnográfica – que consiste em observação direta e participante, com entrevistas, filmagens, fotografias, gravação, elaboração de diários e relatos de pesquisa sobre as experiências de interlocução – é metodicamente acompanhada por consulta em acervos dos mais diversos gêneros, como museus, bibliotecas, pinacotecas, coleções públicas e privadas de fotografia, filmes, sons e textos (imprensa, livros, revistas, sites etc.). Essa documentação implica trabalho de escaneamento, diagramação e elaboração de técnicas de registro no sistema web. Cada produção era e é cadastrada visando à estruturação do acervo documental etnográfico sob a guarda do Biev, em suportes diversos (fotos, iconografias, vídeos, sons, textos etc.) O processo de construção de um banco de dados e de um site eletrônico, ou melhor, de um portal com coleções de imagens disponibilizadas, foi nosso o objetivo maior no sentido de disponibilizar a contribuição do Biev para os estudos das imagens digitais e das tecnologias da informática na construção de narrativas etnográficas e, dessa forma, conquistar um procedimento mais democrático e universal de acesso aos dados da pesquisa científica antropológica.

Nesse sentido, toda etnografia com e por meio das imagens não se limita ao trabalho autoral do pesquisador, uma vez que participa do processo coletivo de construção de um patrimônio etnográfico. No nosso estudo, relacionado ao cotidiano no urbano vivido por seus habitantes, contribui para a consolidação de um “museu imaginário”, como o propunha Gilbert Durand em sua obra *A imaginação simbólica* (1988, p. 106), pois “é então que a antropologia do imaginário pode se constituir, antropologia que não tem apenas a finalidade de ser uma coleção de imagens, de metáforas e de temas poéticos, mas que também deve ter a ambição de montar o quadro composto das esperanças e temores da espécie humana, a fim de que cada um nele se reconheça e se revigore”.

No Biev, investimos esforços para demonstrar outras ou novas formas de produção etnográfica no caminho da deslinearização da narrativa etnográfica face ao carácter descentralizado da WEB, potencializando a utilização dessas tecnologias no tratamento documental de acervos digitais multimídia sobre o tema das memórias e dos patrimônios do viver urbano, a partir da construção de sistemas de hipertexto, explorando, nesses ambientes, as potencialidades de suas narrativas etnográficas múltiplas e plurais.

Importante dizer que estes 26 anos de pesquisa no BIEV se deram em parceria com o Núcleo de Antropologia Visual que, assim como o BIEV, pertence ao Laboratório de Antropologia Social do PPGAS, IFCH, UFRGS, coordenado até 2023 por Cornelia Eckert. Dessa forma, muitos estudantes circularam em ambos os projetos, e nos uníamos com frequência em oficinas, cursos, eventos científicos e em etnografias de rua na produção de etnografias com imagens. Por isso, os leitores e as leitoras encontrarão aqui muitas imagens produzidas em exercícios de formação coordenados pelo Navisual. Este núcleo, entretanto, embora preserve as exposições fotográficas que circularam na Galeria Olho Nu (IFCH, UFRGS), na Reitoria da UFRGS e em congressos científicos no país e na América Latina, não contém o acervo digital que é salvaguardado pelo projeto BIEV em um repositório digital que reúne a produção científica do BIEV e do Navisual.

Esse repositório digital¹ em software livre que o BIEV desenvolve permite o acesso a documentários, fotografias, registros sonoros e outros documentos visuais e etnográficos, referidos a partir de padronização internacional e organizados por um thesaurus criado ao longo de todos esses anos de projeto. Tal repositório é produzido dia a dia pela equipe e divulgado em sistema web, do BIEV no seu site. O site, que tem por endereço <https://www.ufrgs.br/biev/>, dis-

¹ Os repositórios digitais são bases de dados online que reúnem de maneira organizada a produção científica de uma instituição ou área temática, unindo a questão da difusão digital do conhecimento com a preservação de longa duração. O repositório do BIEV foi criado com o Tainacan, um software desenvolvido pelo Laboratório de Inteligência de Redes da Universidade de Brasília (UnB), com apoio da Universidade Federal de Goiás (UFG), do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict) e do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram). Para saber mais, acesse: <https://tainacan.org/>

ponibiliza ao grande público, além do repositório digital na aba ACERVO, seus produtos bibliográficos e audiovisuais, sempre visando à divulgação dos dados etnográficos pesquisados.

Tendo compartilhado nossa experiência como projeto de pesquisa, convidamos agora a usufruírem na forma de uma flânerie de vosso olhar, nas imagens que, esperamos, permitam fazer ressoar nossa etnografia da duração. Usamos essa terminologia para uma proposta epistemológica de pesquisa a partir da qual aderimos ao pressuposto de que os seres humanos são habitados por imagens, de que se pensam por intermédio delas e que enquadram o tempo e o mundo a partir de determinadas constelações (de imagens). Novamente inspiradas em Bachelard, mais especificamente na sua obra da Dialética da duração (1988) e da Intuição do instante (2007), é que compreendemos o movimento das experiências temporais pensadas e vividas que nos aportam clareza sobre a rítmica dos instantes e que nos inspiram para uma nomeação da produção de coleções de imagens com base nos estudos de campo: a etnografia da duração (Eckert e Rocha, 2013).

Metodológica e teoricamente, o que importa é a intenção de narrar as imagens que habitam as memórias pensadas e vividas dos cidadãos em suas múltiplas experiências de viver na cidade. Essa empreitada foi conduzida pelo método da convergência (Durand, 2012), com o qual relacionamos as narrativas etnográficas operadas na plataforma Tainacan. No Biev, o método de convergência nos ajuda na perspectiva experimental, no campo das tecnologias e da web, com a etnografia hipertextual.

É a cidade, em suas múltiplas rítmicas, como nos ensina Bachelard, que importa ao pesquisador caminhante, contemplando, em suas deambulações, as situações e paisagens descritas e registradas, ou na escuta das narrativas sobre os tempos vividos ali, objetiva e subjetivamente, expressão de imagens que vigoram nas memórias inter e intrageracionais. Em face das inúmeras imagens produzidas ou consultadas, chega a hora de narrá-las, tarefa a que se propõe o projeto Banco de Imagens (Biev).

Sob a batuta do pesquisador do BIEV, cientista social, fotógrafo e mestre em urbanismo (UFRGS), Felipe Rodrigues, iniciamos com a coleção de imagens que trazem o centro de Porto Alegre como cenário da passagem do tempo, dos lugares praticados, do patrimônio construído. Apresentamos avenidas, viadutos, praças e largos, escadarias, esquinas e as ruas efervescentes do nosso Centro Histórico. Como não voltar aqui ao poema maior do nosso querido Mário Quintana, ele mesmo um assíduo errante das ruas do Centro, da Rua da Praia, da Praça da Alfândega, recebendo os acenos de seus admiradores, como nós mesmas pudemos testemunhar:

O Mapa

Olho o mapa da cidade
Como quem examinasse
A anatomia de um corpo...

(E nem que fosse o meu corpo!)

Sinto uma dor infinita
Das ruas de Porto Alegre
Onde jamais passarei...

Há tanta esquina esquisita,
Tanta nuance de paredes,
Há tanta moça bonita
Nas ruas que não andei
(E há uma rua encantada
Que nem em sonhos sonhei...)

Quando eu for, um dia desses,
Poeira ou folha levada
No vento da madrugada,
Serei um pouco do nada
Invisível, delicioso

Que faz com que o teu ar
Pareça mais um olhar,
Suave mistério amoroso,
Cidade de meu andar
(Deste já tão longo andar!)

E talvez de meu repouso...

Na sequência, trazemos uma narrativa visual sobre o tema trabalho, uma categoria de estudo que nos é muito cara, tendo sido base de estudo de mestrado e de doutorado de Cornelia Eckert, que orientou esse tema no âmbito do BIEV, e abraçado por Ana Luiza Carvalho da Rocha, conforme testemunha o livro por nós organizado, *Etnografias do trabalho, narrativas do tempo* (2015). Esse tema também será retomado na última parte, sobre um território guardião da memória do viver operário. Mas antes disso, trazemos o tema das Sociabilidades, em que diversos conceitos importantes na tradição dos estudos antropológicos se entrelaçam – religião, festa, política, cultura popular, meio ambiente – categorias que configuram a cultura urbana a partir do fluxo e da ritmicidade criada pelos itinerários diferenciados de seus grupos urbanos. Por fim, as imagens testemunham a efemeridade do tempo nos espaços vividos nos bairros de trabalho. Imagens de ruínas no Quarto Distrito contam os processos de industrialização no século XIX e XX, na cidade de Porto Alegre.

A vida na cidade operária e comercial era de um dinamismo ímpar, reunindo uma classe operária diversa de trabalhadores de todas as etnias. Bairros industriais, comerciais, de moradias, que reuniram levadas de imigrantes alemães, russos, espanhóis, portugueses, poloneses, japoneses para além dos já enraizados. Por fim, as imagens do trabalho recente de transformação urbana por ocasião dos anos que antecedem o evento da Copa do Mundo em 2013. Porto Alegre, sendo sede de alguns jogos, viu seu espaço transtornado para transformar-se em um caminho gentrificado, ligando o aeroporto ao estádio do Internacional, na zona sul costeira às águas do Guaíba. Trabalhadores admitidos temporariamente para atuar nesse drama de mutação que a terminologia do economista austríaco Joseph Schumpeter, da “construção destrutiva e destruição construtiva”, sintetiza, na cidade da política imobiliária agressiva e idealizada pelo eterno desejo do progresso, simbolizada pela flecha do tempo evolutivo.

Por fim, importa anunciar que este livro é produto de um projeto financiado pelo edital Universal do CNPq/MCTI/FNDCT No 39/2022, “Programa de Apoio a Museus e Centros de

Ciência e Tecnologia e a Espaços Científico-Culturais”, intitulado “A preservação cultural e repositórios digitais de pesquisas antropológicas urbanas sob a ótica dos estudos etnográficos de memória coletiva em contextos metropolitanos”, que envolve o a expertise de uma equipe de pesquisadores incríveis e generosos em seu voluntariado, no desejo de um trabalho acadêmico colaborativo, engajado visando contribuir para política públicas.

O projeto contempla subsídios para as políticas públicas voltadas para área da gestão cultural e patrimonial da cidade de Porto Alegre, uma vez que o acervo documental etnográfico sob a guarda do Biev, em suportes diferentes (fotos, iconografias, vídeos, sons, textos etc.), aborda o processo de construção da memória coletiva de sua comunidade urbana por meio de um diálogo intenso com os dados históricos sob a guarda de museus e centros de documentações locais. A possibilidade de reconceituação do patrimônio e de ressignificação de sua atuação como agentes do patrimônio, o que nos representa a possibilidade de aprimoramento das metodologias voltadas à Educação Patrimonial e à Educação aos Direitos Humanos, estão no ponto alto dos benefícios aqui vislumbrados.

Para as coordenadoras do projeto, Ana e Cornelia, fica também um gosto de nostalgia ao revisitar esses 26 anos de pesquisa no BIEV e no Navisual (este com 34 anos de atividades). O banco de imagens é muito mais amplo do que trazemos aqui, mas outros livros virão, e o site do Biev está aberto a todos e todas, leitores e leitoras, que puderem apreciar esses esforços de ação imaginante. Resta-nos imaginar, embaladas por um trecho de outra poesia de Mário Quintana:

Prá que viver assim num outro plano?
Entremos no bulício quotidiano...
O ritmo da rua nos convida.
Vem! Vamos cair na multidão! Não é poesia socialista... Não,
Meu pobre Anjo... é... simplesmente... a Vida!...
(Quintana, 1992, p. 15)